o corpo, o exílio e o que *père*-severa

ELIANE Z. SCHERMANN

DESDE SEUS PRIMÓRDIOS, a psicanálise se interessa pelo corpo em relação ao real que lhe concerne. O enigma de uma vida e do sexo é marcado pelo que dela se subtraiu e abriu um buraco, o trauma. O trauma[1], como o sonho ou a fantasia, deixa suas marcas no corpo, fazendo com que neste ecoe e escoe o que dele se subtraiu.

Freud faz a descoberta do inconsciente com as histéricas, ao perceber que elas exibiam e dramatizavam no corpo o que eram impedidas de dizer. A histeria é um belo exemplo de incorporação do gozo no corpo. A partir delas, o corpo "fala" e "é falado" pela linguagem. O "acontecimento do real", efeito traumático que nomeamos de sintoma[2], subsiste em sua materialidade de gozo pelo equívoco significante. As histéricas mostram que o sintoma participa da linguagem que "não é imaterial"[3]. É "corpo sutil mas é corpo"[4]. Para Lacan, o corpo "encarna" e toma ao "pé da letra" as coisas vistas e ouvidas com as quais se edifica, se constitui, goza e ganha corpo, enfim, encorpa/Um-corpo.

Quantas vezes constatamos na clínica a histeria *a*-presentando suas versões de corpo sintomaticamente quase tão despedaçado quanto aquele das esquizofrenias? Por ter um corpo erigido no litoral do imaginário e do real, impedida de localizar no simbólico sua modalidade peculiar de gozar, a questão histérica poderia ser traduzida por "gozo-sou" homem ou mulher?

Endereçando a Freud as desordens da fantasia que se manifestavam no corpo "sinto-mal", as histéricas articulavam pela associação livre a verdade recalcada de um gozo impossível de ser dito, gozo insistente e ex-sistente no sintoma, efeito do "*trou*-matismo". No sintoma, o corpo "fala" o texto do simbólico que se manifesta nas letras de gozo que o animam. Para que esta manifestação exista, é preciso que o gozo dele exilado seja enunciação e discurso de desejo. A língua francesa permite equivocar *l'être* e *lettre*, ou seja, o "ser" o seu sintoma e a "letra de gozo" que nele ressoa como "ser de gozo", manifestação de uma modalidade peculiar de gozar.

[1] *Träumen* em alemão significa "sonhar". Tradução encontrada no *Michaelis, Pequeno dicionário alemão-portugues/português-alemão*. São Paulo, Melhoramentos, 1994.

[2] Lacan utiliza os significantes *Sinn* (pecado do pai) e "*toma*" para equivocar com São Tomás de Aquino. Ele lembra ser a imagem constituída pela economia de gozo (Conferência de Genebra sobre o sintoma) que protege o corpo do desmembramento do gozo, e recorre a São Tomás de Aquino para abordar o corpo separado em postas e partículas gozosas de corpo. Recorre também à homofonia entre os significantes "separare/ se-parere" = "separar/se parecer com".

[3] Lacan. Função e campo da fala e da linguagem. (1953/1998, p. 302)

[4] *Ibid.*

O pai traumático da histérica é abordado por Freud desde o início de seus estudos sobre a origem da fantasia[5]. Primeiramente, Freud considerava o pai perverso das histéricas. Depois da falência de sua *neurótica*, ousamos dizer que Freud fundamenta o que Lacan abordará como Um *pai-verso*. A noção de Um pai acompanha os avanços de Lacan em seu percurso ao campo dos gozos. Será Um pai correlato à versão dada, metaforizada ou fantasiada, ao furo real aberto no simbólico como efeito do traumatismo?

Foram as histéricas que ensinaram a Freud sobre o pai traumático! Por um excesso de gozo ao qual elas não podem responder com seu dizer, ou ainda, devido a um gozo *a*-menos do qual elas tanto se queixam, o apelo ao Um pai se faz imprescindível, esperando receber dele um nome de gozo. Por exemplo, a histérica se endereça a Um pai para dele fazer mestre e amo, embora sempre se furte a seu governo. Entretanto ela se depara com o fato de que todo pai é falho. Endereçando seus apelos a Um pai, o que a histérica encontra é Um pai *trou*mático. Nesse empreendimento, cai na armadilha e nos engodos de seus sintomas, suportados pelo Um traço distintivo que se manifesta como gozo parasitário no imaginário do corpo. Correlato ao sintoma, Um pai suporta uma modalidade de gozar do inconsciente, uma vez que é o inconsciente que o determina. Como ensina Lacan, podemos prescindir do pai, contudo é preciso saber se servir dele!

Não há Um traço identificatório para permitir ao desejante localizar seu gozo. Esse Um pai *trou*-mático, pelo excesso ou falta de gozo, instaura um enigma no saber sobre o sexual. Um pai nada pode dizer sobre o sexo, porque sobre o sexo ele não tem nenhum saber. Ele apenas pode indicar um saber disjunto do gozo. Do pai extraímos a noção de Um que, segundo Lacan, no *R. S. I.*, é correlato ao "número" Um, ou seja, é correlato ao traço da repetição do vazio de sentido, furo aberto no simbólico. Neste oco escoa a vaga lembrança de um memorial de gozo correlato ao objeto *a*. "Nada melhor do que o conjunto vazio para sugerir o Um". Introduzindo um traço distintivo na sexualidade, o Um se subtrai à imagem, é redução simbólica e aloja o real no Outro.

Depreendemos ainda da histeria que Um pai *père*-severa, o que permite pensar no equívoco significante que o torna correlato a Um "pai severo", que é, ao mesmo tempo, perseverante por evocar o supereu em sua face de exigência e insistência pulsional em gozar. Ele é ímpar e não se encadeia em S_1-S_2. Não pode representar nenhum sujeito, apenas *a*-presentá-lo

[5] "Bate-se em uma criança". Preferimos esta tradução a "Uma criança é espancada", porque conotamos o "se" reflexivo com a fonte do gozo que escoa e ecoa no recalque. Observamos também a indefinição do Outro e do objeto. Quem bate? Quem apanha?

com o que se manifesta no corpo que goza. Contudo Um pai evoca, invoca e convoca o desejo. Quais serão os efeitos dos "pecados" de Um pai e de suas "fraquezas da carne" no corpo, se considerarmos o corpo que goza mais próximo ao real? Dos "pecados do pai", termo correlato aos "pecados da carne", o desejante/*falasser*[6] recebe como herança apenas sua castração. A substância gozante evoca no corpo, por uma vaga lembrança, a herança do pai, ou seja, a própria castração. Um pai, portanto marca sua progenitura com a castração escrita a "ferro e gozo" na carne gozante para transformá-la em corpo, ou seja, para lhe "dar corpo" e "Um-corporá-la". Um pai *père*-severa para que o gozo impossível de ser dito advenha ao verbo. Enfim, ao Um pai cabe o traçado e as comportas por onde escoam as distintas modalidades de gozar que se desvelam no sintoma como metáfora do sujeito, à medida que o inconsciente as determina.

um corpo, semblante e sintoma: modalidade de gozar

A direção de um tratamento, então, visa ao "entre" da letra do sintoma, visa aos traços e às marcas que traduzem a deriva e os impasses do gozo no circuito da pulsão, para que dali, também, emirja uma modalidade peculiar de gozar. O gozo pode ser concebido na letra como "fraqueza da carne", já que o gozo é sem-sentido, é *non-sense*, embora seja sentido por repercutir no corpo. Ali está o mais íntimo e singular de uma subjetividade. Consideramos aqui o sentido dado por Lacan ao lembrar que o analista deve visar à diferença absoluta: a singularidade do gozo que intervém na marca do significante primordial do recalque[7]. Como abordar o corpo sexuado e suas modalidades de gozo, masculina e feminina?

A experiência da psicanálise deve, em sua ética, permitir ao sujeito captar um vazio de significação em que o Um-a-menos significante lhe falta na enunciação do discurso. Ao Um-significante-a-menos no discurso corresponde um a-mais de gozo, correlato ao objeto *a*. O objeto *a* é heterogêneo ao inconsciente por ser relativo ao *a*-sexual, no que equivale ao irrepresentável da pulsão. Operando em sua função de separador no campo dos gozos, rebotalho de gozo, é passível de ser metaforizado como sintoma/semblante nos jogos do amor. Destacamos no *objeto a* a letra de gozo do sintoma, o que há de mais íntimo e, ao mesmo tempo, mais estranho/estrangeiro ao *falasser*. É letra que advém ao âmago do "sinto-mal", é suporte do gozo exilado do corpo. Sustenta e distingue o sintoma que, por ser o mais particular do falasser, permite erigir e no-

[6] Optamos por utilizar o significante lacaniano *falasser* porque sugere o equívoco significante entre "aquele que fala para ser", o falante, e o falecer, que evoca a morte onde a pulsão é silenciosa. A homofonia entre "aquele que fala para ser" e o "falecer" evoca a falha da linguagem e seus impasses devidos à pulsão de morte, que faz o desejo retornar a um ponto que evoca o silêncio pulsional e o convoca a um novo dizer. Além disso, esse termo que equivoca com o significante "falecer" sugere que a mortificação da carne, dessa substância gozante, é efeito da ação do próprio significante e da pulsão de morte sobre o corpo, para que este ganhe sentido (que não é outro senão o de gozo) no ato de dizer.

[7] Lacan. *O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964 / 1979, p. 260)

mear no ser sexuado pela diferença dos sexos os semblantes homem ou mulher.

Um corpo somente ganha sentido porque goza. O fato de um objeto passar do real ao simbólico sempre evoca uma perda, necessitando do corpo para conjugar o que é pura perda. Essas marcas do gozo em perda convocam e relançam o desejante a um novo dizer. Dizer-se homem ou mulher é um "para-ser", é um "parecer". "Para-ser" homem ou mulher, no sentido de "ser sexuado", termo homofônico a "parecer", mostra que o corpo sexuado é um semblante, por dar a ver uma modalidade específica de gozar. O corpo sexuado-sintoma é então um "pare-ser"/parecer edificado sobre o que dele foi separado e exilado, o gozo. Nesse sentido, o sexo, masculino ou o feminino, é semblante e pode ser dito sintoma, porquanto traduz distintas modalidades de gozar.

Por outro lado, o retorno aos pontos de impasse do desejo torna a pulsão de morte correlata à noção de repetição. Com seu circuito, a pulsão, que se satisfaz sem um objeto específico, mas insiste no gozar, contorna o espaço aberto ocupado pelo objeto *a*, memorial de gozo, mantendo o desejo aceso e "realizando-o" em ato. Dito de outra forma, a pulsão se satisfaz nos traços memoriais de gozo; satisfaz-se em um gozo em perda. Aí o desejo é impasse porque repete um vazio de sentido. A cada vez é Um, uma vez mais, mais um... E o gozo é efeito do cálculo da repetição do vazio de sentido, é *non-sense*. Assim, "a cada conto (cálculo do gozo?) se acrescenta (ou se perde?) um ponto". O gozo "é exatamente correlativo à forma primeira de entrada em ação do que chamo a marca, o traço unário, que é a marca para a morte. Observem que nada toma sentido até que a morte entre na jogada"[8]. Enfim, o Um-traço distintivo e fora-do-sentido é correlato ao *einziger zug* freudiano, traço unário que não identifica um sujeito, contudo, nele evoca a marca do gozo em perda, manifestando-se "como bastão"[9] nos confins do corpo. No corpo o gozo apenas "ronrona" como um rastro. Que bastão será esse que Lacan destaca como correlato ao traço unário se não aquele que convoca o gozo fálico, gozo excluído do corpo, a se manifestar?

A pulsão sempre insiste em se satisfazer e se manifesta por uma "*a*-flixão". Recorremos ao equívoco significante entre "fixão", ficção e aflição para evocar o gozo-sentido no corpo pela letra de gozo, convocando a pulsão, insistente e persisitente, a se satisfazer. Neste ponto de "aflição" e "afixão/ficção", o sintoma, erigido como semblante do sexo, enlaça o que se furta ao desejo: o traço do Um, que nos remete ao gozo fálico que

[8] Lacan. *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970), (1992, p. 169)

[9] *Ibid.*

estudaremos adiante. No lugar onde o gozo estanca a deriva da pulsão, uma ficção/aflição advém para responder e mostrar o que é da ordem do real. Consideramos esta "fixão/ficção" correlata ao semblante convocado pelo *falasser* para suprir o "acontecimento do real", o que está exilado do corpo por efeito do trauma, correlato, por sua vez, a um gozo *a*-mais ou *a*-menos. O semblante é convocado pelo desejo para dar consistência e articular no discurso a enunciação do gozo que perdura em pura perda.

O sintoma nomeia um modo particular de gozo que se furta pelas comportas do litoral e dos confins do corpo. Gozo-sentido no corpo, o sintoma é pulsão e traço significante. Assim, podemos dizer que o gozo é correlato a uma valência negativa. É "pura perda", como diz Lacan em *Televisão*, podendo ir do "pai ao pior". Ao percorrer o ensino de Lacan, verificamos a amplitude do conceito de sintoma. O sintoma é convocado como o mais singular do *falasser* para enlaçar o que é memorial do simbólico, do imaginário e do real. De significado do Outro ao modo de gozar peculiar do inconsciente, o sintoma se estende à noção de semblante porque é o semblante que, na condição de suplência, enlaça no falante/*falasser* o que dele se subtrai de simbólico, de imaginário e de real.

O semblante advém ao corpo em suplência ao buraco aberto pelo significante, lugar onde o gozo se manifesta, insiste e consiste ao ser falado em um dizer. O gozo "ganha corpo", encorpa/Um-corpa, adquire consistência pelo dizer. Em contrapartida, não podemos falar em gozo sem o corpo. No corpo, enfim o gozo ganha consistência de discurso à medida que, em extimidade, calcula e opera a falta-a-gozar do vivente, lançando-o em uma anterioridade lógica, ou seja, em um futuro anterior, para conotá-lo no sintoma como "é isso aí".

A psicanálise trabalha visando a manejar a falta-a-ser e a falta-a-gozar. Ou seja, visa a facultar ao sujeito do desejo, ao *falasser*, a percepção de sua modalidade de gozo. Para Lacan, "o homem pensa com a ajuda das palavras". "E é no encontro entre as palavras e seu corpo que algo se esboça"[10]. Esse algo é o "sentido" do gozo ressoando no litoral[11] do corpo. Trata-se do gozo-sentido, do sentido do gozo. Dito de outro modo, o termo "sentido" evoca um endereçamento, além de um modo peculiar de gozar. A quem o gozo se endereça? Ou ainda, onde o gozo é "sentido"? É o que nos ensina em toda sua amplitude o termo "sentido" na equivocidade significante permitida pela língua francesa – *j'ouis-sense, jouissance, jouir-sense*[12]. Então, o gozo-sentido não será outro senão aquele reduzido

[10] Lacan. Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. *Intervenciones y textos 2* (1982)

[11] Recorremos às noções de "litoral" ou de confins do corpo em lugar de fronteira ou superfície porque, como destacou a colega Carmen Gallano no Encontro da AFCL e da EPCL, em Salvador em novembro de 2003, estas delimitam duas zonas distintas, enquanto uma fronteira ou uma superfície pode delimitar territórios da mesma qualidade

[12] *J'ouis sense, jouissance, jouis sense,* que traduzimos por "eu ouço sentido", "gozo", "gozar (do) sentido"

à realidade sexual, ou seja, aquele que dá sentido ao sexo, faz rir ou chorar.

Em *Função e campo da fala e da linguagem*[13], Lacan define o sintoma no "significante de um significado recalcado da consciência do sujeito. Símbolo escrito na areia da carne e sobre o véu de Maia". Nesse momento de seu ensino sobre o sintoma, Lacan prioriza a articulação simbólico-imaginária, ao dizer que "as palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito: podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do *Penis-neid*, representar a torrente de urina da ambição uretral ou o excremento retido do gozo avarento"[14].

A partir do avanço teórico em relação ao campo dos gozos, não há mais prevalência de um registro sobre o outro. Lacan aborda as três consistências *R. S. I.* e afirma: "o sintoma não é definível senão pelo modo como cada um goza do Inconsciente, na medida em que o Inconsciente o determina"[15]. Desde a apresentação de seu seminário *De um Outro a outro*, Lacan esclarece que "a essência da teoria psicanalítica é função do discurso, mais precisamente, e por mais paradoxal que isto pareça, trata-se de um discurso sem palavras". Como abordar o conceito de inconsciente senão pelo sintoma que enlaça o que ao desejo se furta? Se, no início de seu ensino, Lacan correlacionava o pai morto ao significante, depois do *Avesso da psicanálise*, o pai morto passa a ser correlato ao gozo.

o falo e o "para-ser/*a*-parecer"

Como significante, o falo porta a marca da falta simbólica ao universo do discurso. Correlato à falta-a-gozar, é traço simbólico, significante único e sem par, que não remete a outro significante e, portanto, não representa o sujeito. Entretanto evoca o gozo sexual e sua falta que escoa, se furta e ecoa pelas comportas que o traçado da pulsão delineia no corpo. O falo permite uma certa articulação entre o "pare-ser" (homofonia entre 'parecer' e 'para-ser' homem ou mulher) do desejante/*fala-ser* e o real do gozo no verbo ou seja, a relação entre a função do verbo e o gozo subtraído do corpo.

Tomemos o dizer de Lacan em *R. S. I.*: "o falo é a cópula deste gozo parasitário com a função da palavra". Enlaçando o real do gozo e o simbólico da palavra, signo de gozo, o falo não significa nada. Ele requer um outro significante – S_2 – para se constituir em saber e ter efeito e sentido sexual. O falo é sem sentido, é reticente em sua unicidade de gozo. Seu "des-sentido" evoca a "descência"[16], que faz homofonia "ao que desce", "desprende-se', separa-se. Por outro lado, equivale ao que, por

[13] Lacan. Função e campo da fala e da linguagem (1953 / 1998, p. 282)

[14] Ibid., p. 302.

[15] Lacan. *R. S. I.* (1974/75), (Inédito: Seminário de 18 de fevereiro de 1975.)

[16] É o que Lacan ensina em *O seminário - livro 20: Mais ainda* (1972-1973), (1982).

pudor, resiste na rede significante a dar sentido fálico e sexual. O falo é "inde-*sens*", homofonia com "indecente", por portar a equivocidade entre o decente e indecente, entre a castração que convoca o gozo sexual a se escrever e, o gozo feminino que não se escreve, é irrepresentável e está à deriva do sentido (em toda a ambigüidade do termo "sentido"). O falo enfim convoca o gozo ao dizer[17] sobre o que insiste e se furta ao sentido. Ele não unifica. Ao contrário, apenas indica faltar um instrumento para o gozo. É marca e suplência da divisão subjetiva, da castração e da irrupção de gozo nas entrelinhas da cadeia associativa, ou seja, é traço daquilo que se repete nas letras de gozo. Ele advém ao lugar onde o objeto *a*-sexual clama e inflama o sexo.

[17] Schermann. *O gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher* (2003, p. 214)

O falo é uma aflição para o homem porque "a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance de que um homem goze do corpo da mulher. Dito de outro modo, de que ele faça amor"[18]. Então, é preciso haver a captura pela linguagem, pelas falas de amor, melhor dizendo, é preciso que as letras de amor capturem as letras de gozo para que cada sujeito falante possa fazer uso de seu gozo e de seu corpo sexuado no encontro entre os sexos.

[18] Lacan. *O seminário - livro 20: Mais, ainda* (1972-1973), (1982, p. 97)

A função do falo não é requisitada simplesmente para estabelecer a cópula; ele é requisitado para permitir escrever os traços distintivos da diferença sexual. Sua lógica é a da diferença dos sexos, ou seja, ele se *a*-presenta distintamente nos dois sexos. Convocado ao dizer, por um lado, pelos que são castrados e se enganam com o ter, por outro, é convocado para suprir o que é "pura ausência e sensibilidade"[19] naquelas que, à sua lógica, extravasam em *continuum* porque dele são privadas e a ele se furtam. Nesta classe, inserimos a vertente lacaniana que, nas fórmulas da sexuação, é relativa à "mulher não-toda".

[19] Lacan. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (1998, p.742)

Significante ímpar da elisão simbólica, marca da presença e ausência da descontinuidade significante, marca da diferença sexual, o falo, entretanto, é um impasse para o encontro entre os sexos. Paradoxalmente, é requisitado pelo corpo sexuado por portar a marca da diferença sexual e da castração. Rastro de gozo, traço correlato ao *einziger zug* freudiano, o falo também abre a cadeia significante e delineia as vias por onde o gozo indizível vagueia no litoral do corpo. Ao falo, instrumento de gozo, se endereça o gozo especificamente feminino. O gozo da mulher não-toda – gozo mais próximo ao real pulsional, gozo quase impossível de dizer – extravasa para além da castração e da conseqüente descontinuidade significante. Considera-

mo-lo gozo excedente à lógica fálica. Embora sentido no corpo, mesmo as mulheres pouco podem dizer sobre ele. Entretanto o falo e sua contrapartida, a castração, comprovam que "não há união do homem e da mulher sem que a castração determine, a título da fantasia, precisamente, a realidade do parceiro em quem ela é impossível"[20]. Então, se não há castração, nada de encontro sexual. O encontro entre os sexos ocorre quando o falo enlaça o gozo sem palavras ao verbo, permitindo então a cópula entre dois significantes – homem e mulher – para que, na contingência do encontro sexual, engendrem efeitos de significado.

[20] Lacan. D'un Autre à l'autre (Inédito: aula de 13 de novembro de 1968.)

Lacan define o gozo fálico como gozo fora-do-corpo. Por que Lacan afirma ser o gozo fálico exilado e subtraído do corpo? Primeiramente, porque o falo é um obstáculo ao encontro entre os sexos. O gozo fálico, contudo, permite conceber logicamente: "existe ao menos Um que diz não à castração". Sendo a exceção que faz a regra, o falo sustenta o corpo para que este, na castração, não se desmembre em pedaços de gozo, ou seja, em pequenos *a*. Por exemplo, lembremos o que dizem algumas mulheres: "Eu não quero ser amada pelos meus peitos, ou minha bunda ou algum outro pedaço de meu corpo". Caso a vertente mulher se restringisse ao alcance da imagem e permanecesse impedida de convocar o falo em suplência ao gozo especificamente feminino, ver-se-ia despedaçada em mil pedaços de objetos *a*. Uma mulher, então, convoca o falo em suplência ao que nela é "pura sensibilidade e ausência".

Sendo o gozo fálico gozo fora-do-corpo, ao fazer suplência no verbo, ele também convoca o campo do Outro a se manifestar para que, ali, seja encontrado um valor fálico aos objetos em causa no desejo. Objetos que conotamos como pulsionais e, que como vimos, são correlatos à pura perda. Por vezes, quando a pulsão tenta encontrar sua satisfação nesses objetos e quando estes não são conotados em seu valor de gozo fálico, o empuxo ao gozo pulsional em *continuum* pode conduzir a mulher do "pai ao pior", ou seja, a uma devastação. Somente referido ao valor fálico e à castração, ou ainda, quando suprido em seu valor fálico, o gozo, que é pura ausência, pode produzir seus efeitos de significado na contingência do encontro entre os sexos. Enfim, o gozo fálico sempre necessita de um lugar Outro por se situar em alteridade. Por isso, o dizer é convocado para que cada um, regido por distintas modalidades de investir no gozo fálico (gozo este que enlaça no verbo o pulsional que se furta ao corpo), seja significado como homem ou como mulher nas contingências do sexo e do encontro amoroso.

Um corpo não é sem o Outro. Lacan chega a afirmar que o "corpo é o leito do Outro". Para que dois corpos se encontrem nas contingências do amor, o campo do Outro é convocado para a enunciação do gozo. O Outro da linguagem se impõe ao corpo e modula o gozo. Norteia os semblantes e nomeia no sintoma as modalidades de gozar, porquanto o objeto *a* nada pode dizer sobre o sexo. É *a*-sexual e está mais próximo ao real pulsional. Do Outro somente resta um oco para convocar o gozo a se manifestar como desejo. Lugar da "Outra cena", *ein anderer Schauplatz*, o Outro é lugar onde falta o significante – S (Ⱥ) e é lugar da perda original de gozo – *a*. Paradoxalmente, é no campo do Outro que o sujeito/*falasser*, efeito da cadeia associativa, encontra uma certa possibilidade de localizar seu gozo para conotá-lo como sexual. Isso ocorre porque o vivente/*falasser* "encarna" os semblantes fálicos aos quais é convocado a *a*-presentar em suplência ao que se perdeu do Outro ex-sistente. Quando eclode Um-a-menos na cadeia significante, a falta do Outro é conotada por um *a*-mais de gozo e, então, é condição de desejo.

O desejo convoca os semblantes, o parecer/*a*-para-ser a se *a*-presentar em suplência ao que é desvario. O semblante de *a* comparece ao corpo sexuado para que ali uma mulher se torne Outra para si mesma. Uma mulher se serve do semblante fálico como suplência ao *a*-sexual para que, além de se constituir como Outra para si mesma, não mergulhe na devastação que a ameaça caso não encontre um ponto de basta ao que é da ordem do pulsional.

O Outro é conotado por Lacan em sua vertente tanto significante quanto real. No real do Outro a experiência do inconsciente é efeito de elisão significante. No discurso, a cadeia S_1-S_2 mostra a relatividade do entre-significantes copulando com o saber. Dizer que o Outro é um corpo incorpóreo é outra forma de abordar o Outro como signo de presença/ausência, corpo simbólico e lugar da ex-sistência. O Outro enfim é lugar onde falta ao-menos-um significante para definir o sexo e representar o sujeito em seu ser de gozo. Entretanto e paradoxalmente, o gozo é dito sexual e "ganha corpo" nos semblantes convocados ao lugar onde o significante é reduzido à letra de gozo.

O ato sexual é referido por diversos autores literários e poetas como "pequena morte". Por isso, é necessário que a contingência do encontro sexual se "realize" no campo do

Outro. Efeito e causa da desnaturalização[21] da carne, e, como dissemos, nela deixando ressoar os "pecados da carne", o *objeto a* é visado pelo desejo do homem como complemento de sua falta como sujeito. Um homem se engana com as equivalências que delega ao *objeto a*, conotando-o com um valor fálico. Para uma mulher, este objeto é suporte do gozo em desvario, que lhe permite "ousar a máscara da repetição"[22].

Nas contingências do amor e do encontro entre os sexos, uma mulher extrai do *objeto a* seu "ser" de gozo tornando-o equivalente à falta fálica daquele que é o desejante, o homem. É quando então uma mulher pode consentir em "encarnar" o objeto convocado pelo desejo masculino para que aconteçam as contingências do encontro amoroso. Uma mulher erige seus semblantes em suplência ao objeto de gozo que ela consente "encarnar" para se localizar na fantasia de um homem. Não se trata, contudo, de qualquer objeto, mas apenas daquele no qual ela também encontra ressonância com o âmago de seu ser de gozo.

Não há A mulher, artigo definido para designar o universal, porquanto, por essência, a mulher é não-toda. O objeto *a* é o que separa o gozo do corpo do gozo fálico. Embora *a*-sexual, este pequeno objeto é responsável pelas contingências do sexo. Uma mulher se endereça ao significante distintivo e sem par para que este advenha ao inominável. O gozo especificamente feminino insiste e persiste conduzindo uma mulher a buscar um suplemento no corpo do homem escolhido. Seu gozo não todo "apaziguado", gozo impossível de ser todo dito, contudo, é gozo sentido no corpo que nem mesmo as mulheres conseguem facilmente enunciá-lo. Para ser enunciação, este gozo em *continuum* se endereça ao falo para que, através do amor, faça com que o gozo consinta no desejo. Assim, uma mulher pode suprir e nomear o gozo-sentido nas metáforas do amor.

O gozo especificamente feminino não se escreve no traço significante, a ele extravasa. O gozo Outro se furta ao traço do Um. A lógica falo/castração não chega a intervir no gozo especificamente feminino, deixando um rastro de pulsão à deriva. Trata-se de um gozo em que o falo, como menos-Um da castração, não chega a apagar o rastro, lembrando a mulher de seu gozo *a*-mais.

É preciso um certo "saber" sobre o gozo sexual. Trata-se, no entanto, de um "saber sem sujeito"[23], "saber não-sabido". Embora possamos dizer que não "há mais do que Um (significante) para dizer o sexo", ou seja, o falo, este não é um significante de identificação. Significante Amo da diferença entre os se-

[21] Aqui o termo "desnaturalização da carne" é usado para mostrar o efeito da incidência simbólica sobre a substância gozante – que chamamos carne –, o que produz como efeito o exílio do gozo do corpo que, no entanto, insiste para se tornar um dizer e enunciação de desejo.

[22] Lacan. *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970), (1992, p. 74)

[23] Lembremos a definição lacaniana de sujeito como aquele que se representa de um significante para o outro.

xos, um homem e uma mulher se reportam a ele de formas distintas para erigir, cada um a sua maneira, seus semblantes. As distintas modalidades de escrita de cada lógica, a da mulher e a do homem, têm como efeito modos diferentes no exercício de suas funções. Cada sexo se servirá e lidará de maneiras diferentes com sua modalidade peculiar de gozar. Enfim, o sujeito, masculino ou feminino, constitui sua imagem e seu mundo com as palavras, com as coisas que o rodeia, sobre as quais deposita seu olhar e erige seu semblante. A "relação sexual impossível", o real do sexo, encontra um acesso às contingências do encontro sexual quando o gozo-sentido se enlaça ao imaginário do corpo e faz sintoma, com sua forma particular de gozar, à medida que o inconsciente o determina.

O "continente negro" da mulher conduziu Freud a se indagar e construir um saber sobre o que é "um pai", sobre o que "quer uma mulher", sobre o "tornar-se mulher". Embora não se detivesse especificamente na noção de gozo, em especial, no gozo da mulher, Freud foi por ele questionado ao perceber os signos do que se furtava à descontinuidade do desejo. Também foi a mulher quem questionou Freud sobre sua metapsicologia. Em lugar do "ter o falo", Lacan avançou a teoria sobre o sexual ao abordar o "ser" de uma mulher. Suas descobertas o levaram ao que é da ordem do impossível de ser dito, contudo desenvolveu seus estudos sobre "ser o falo", com o qual a histérica tenta se enganar. A histérica se endereça ao mestre tentando fazê-lo consistir imaginariamente para que o falo adquira valor de gozo no simbólico. Embora se trate, mais especificamente, de um S_1 repetitivo e distintivo, nele a histeria busca localizar e encontrar sua forma de lidar com o Outro sexo, alteridade absoluta, gozo peculiar à mulher. Para responder à vertente mulher nas fórmulas da sexuação, mais uma vez é a histérica que nos ensina ser o falo um semblante. Segundo Lacan, são também as mulheres que lembram os homens de que os semblantes fálicos, com os quais eles se enganam, pouco valem quando comparados com o real do gozo.

Ao considerar o gozo fálico um dos nomes possíveis de Um pai, Lacan ensina que é preciso dele prescindir para dele saber se servir. Destaca-o no enodamento do gozo furtivo no verbo. Nem o falo nem o objeto *a* portam algum saber sobre o sexo. Ambos, no entanto, são semblantes convocados pelo indizível.

Resta ao Outro sexo, à "mulher que não ex-siste", à alteridade que extravasa a lógica fálica, suprir a sua privação nos semblantes fornecidos pelo falo. Por se tratar de um gozo radicalmente ausente do discurso, gozo mais próximo do real e do

extravio pulsional, o gozo Outro clama por um ponto de basta e convoca o falo para enlaçar ao corpo o que é pulsão à deriva. Se o *falasser* recorre ao falo para erigir os semblantes de *a*, cada sexo irá dele se ocupar de formas diferentes: por um lado, convocando-o no verbo ou traduzindo-o em gozo de órgão, por outro, recorrendo aos semblantes e erigindo o falo em suplência ao que dele se subtraiu e se furtou à castração. Para operar qualquer semblante em um "para-ser", ou seja, "parecer" um corpo sexuado, é preciso saber se servir do que é falta, silêncio, impasse no discurso do desejo, como exemplificam as metáforas do amor.

No mal-encontro com o sexual, cada um goza de seu corpo: que o diga o objeto *a* que, como dissemos, é signo da disjunção entre saber e gozo! Para que o corpo não seja reduzido ao real do gozo parasitário, é preciso introduzir a economia do gozo no verbo, nos significantes e semblantes do desejo cuja enunciação deriva da ex-sistência do Outro. Nesse lugar, o sintoma é correlato à modalidade de gozo mais particular de um sujeito. É a esse ponto enigmático, de tropeço e impasse no desejo, que um analista se endereça. Dele advertido, pode 'errar' (no sentido de vagar) para deixar emergir o que é efeito e *a*-feito ao discurso inconsciente.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicolígicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XXI.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental (1911). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicolígicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu(1912). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicolígicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. A negativa (1925). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicolígicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. O Humor (1927). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicolígicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XXI.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo (1939). In: *Edição Standart Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XVIII.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Posição do inconsciente (1960). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Do sujeito enfim em questão (1966). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 10: A angústia* (1962-1963). Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964-1965). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 16: D'un Autre à l'autre* (1968-1969). Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 19: Ou pire* (1971-1972). Inédito

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 20: Mais ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. La psychanalyse dans ses rapports avec la realité. *Scilicet*, Paris, n.1, 1970.

LACAN, Jacques. Radiophonie. *Scilicet*, Paris, n.2/3, 1970.

LACAN, Jacques. *Televisão* (1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. La tercera. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

LACAN, Jacques. Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. *Intervenciones y textos 2.* Buenos Aires: Manantial, 1988.

SCHERMANN, Eliane. Z. *O gozo en-cena:sobre o masoquismo e a mulher.* São Paulo: Escuta, 2003.

resumo

A proposta deste trabalho é abordar as distintas modalidades de gozo e a distinção entre os sexos. Para alcançá-las, foi necessário um percurso teórico sobre a noção de corpo, o que dele é exilado – o gozo fálico – e o que no corpo nem chega a se escrever por ser pulsão em extravio, Outro gozo. Recorremos à noção de Um pai como agente e causa da castração – ou seja, recorremos ao pai *troumático*. Em relação ao sexo e ao trauma, ao menos Um-traço significante falta no discurso do *falasser*, convocando um-a-mais de gozo ao dizer. O imaginário do corpo também padece de seus efeitos ao ser encorpado nos semblantes da palavra e no sintoma.

palavras-chave

Corpo e pulsão, semblante e sintoma, modalidade de gozar, Um pai *troumático*, trauma, *falasser*, destino do gozo fálico e gozo especificamente feminino.

abstract

This work intends to distinguish the different forms of *jouissance* between the sexes. A long theoretical trajectory was necessary to arrive at the notion described by Lacan as a "body", distinguishing what was detatched from it – the phallic *jouissance* and something that the impulse does not inscribe because it is beyond the logic of phallic/castration. It was also necessary to study the notion "One" father as agent and castration cause. In this function, "One" father is equivalent to traumatism. It was also necessary study his effects regarding sexual distinctions in order to build a "mask/visage" by the imaginary register, the symbolic and, at last, the real one.

key words

Body and impulse, visage and symptom, mode and destiny of the "jouissance", One traumatic father, traumatism, phallic "jouissance" and specific feminine "jouissance".